www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):
André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)
Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1
Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2
Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se "entre" lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

Formas de movimento, casas e corpos no Terecô em Codó (Maranhão)

Autoria: Martina Ahlert (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Este work tem como eixo as experiências vividas por uma mãe de santo de uma religião afro-brasileira do interior do Maranhão. Luiza é uma senhora de mais de oitenta anos que desde sua infância convive com os encantados ? entidades recebidas no Terecô. Sua vida foi tecida, como relata, pela importância de sua família de sangue, mas, também, pelas relações com as entidades. É a partir dessas relações com seres diferentes que o texto pretende analisar diversas formas de movimento. Além do deslocamento geográfico que Luiza viveu de forma constante ? marcado por questões fundiárias e familiares ? o texto discorre sobre formas de mobilidade que surgem imbricadas com esferas normalmente consideradas fixas, como as casas, ou fechadas, como os corpos. O faz considerando a presença das entidades na vida das pessoas, uma vez que elas atravessam e ocupam corpos (pela incorporação ou por uma comunicação sensível); e abrem e conectam casas a outras dimensões da experiência. Igualmente, os encantados introduzem questões importantes sobre o acesso à terra, os constrangimentos ao deslocamento, a ideia de propriedade e relacionalidade ? como as situações vividas por Luiza nos indicam. Por fim, o artigo pensa como esses movimentos podem questionar os enquadramentos e conceitos empregados em nossas pesquisas, na medida em que as transgressões que os encantados operam nos marcadores espaço-temporais podem trazer outras chaves de análise.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Trabalho completo

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**